

**CAMPO DE FLAMINGOS SEM FLAMINGOS:
CONSTRUÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA PAISAGEM FÍLMICA E
GEOGRÁFICA NA OBRA DE ANDRÉ PRÍNCIPE**

Rayman Aluy Virmond Juk¹

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo discutir e analisar a representação da paisagem das fronteiras portuguesas no filme *Campo de Flamingos sem Flamingos*. Busca também realizar uma reflexão sobre como a construção da paisagem fílmica se relaciona com os conceitos geográficos espaço, lugar, paisagem e território. Para a geografia, o espaço é uma extensão física, lógica e material, constituída pela dialética entre a disposição das coisas e as ações. Lugar parte da percepção do indivíduo, focalizando nas experiências humanas com o meio. Território se relaciona com poder, com fronteiras. A paisagem, significada e construída, podendo ser natural ou cultural, é um campo visual delimitado, uma cena. Todos estes conceitos são abordados, construídos, debatidos e representados de alguma forma na obra. O filme de André Príncipe busca, de acordo com a sinopse, “ordenar os segredos do mundo visível”, através de imagens contemplativas, sem personagens como eixo narrativo, algumas vezes separando a paisagem cultural da paisagem natural, ou intencionalmente relacionando-as. Através das paisagens busca refletir sobre a identidade cultural e os limites territoriais de Portugal, sem necessariamente situá-los geograficamente, flutuando entre o documentário e a ficção. Estabelece relações profundas na forma como aborda a passagem do tempo, na escolha da duração dos planos, mas também na contraposição de conceitos, levando a uma experiência sensorial.

Palavras-chave: Cinema; Paisagem; Documentário; Cinema em Português; Geografia.

Contacto: raymanvirmondjuk@gmail.com

Introdução

A construção e representação das paisagens portuguesas no filme *Campo de Flamingos sem Flamingos* busca refletir acerca das fronteiras do país a partir da contraposição de imagens, sons e conceitos. O filme, de 2013, foi realizado por André Príncipe, com direção de fotografia dividida entre o realizador e Takashi Sugimoto, com Manuel Sá como operador de som. A obra não possui diálogos definidos (somente um monólogo), conflitos a serem resolvidos, nem uma narrativa convencional. É um retrato misterioso e contemplativo das fronteiras portuguesas, a

¹ Trabalha como cineasta e artista interdisciplinar, realizando documentários, vídeos experimentais e videoclipes. Desenvolve investigação em paisagens do cinema ibérico e ibero-americano contemporâneo. É formado em geografia pela UFPR - Brasil, possui especialização em direção de fotografia pela Bande à Part - Espanha, e é mestrando em cinema na UBI - Portugal.

Virmond Juk, Rayman Aluy. 2020. “*Campo de Flamingos Sem Flamingos: Construção e representação da paisagem fílmica e geográfica na obra de André Príncipe*”. In *Atas do IX Encontro Anual da AIM*, editado por Marta Pinho Alves, Maria do Rosário Lupi Bello e Iván Villarrea Álvarez, 77-85. Lisboa: AIM. ISBN: 978-989-54365-2-1.

partir de uma construção das paisagens culturais e naturais, refletindo relações existenciais. As paisagens retratadas no filme representam Portugal como um todo, podendo ser algum lugar específico ou todos ao mesmo tempo, já que não se situa em nenhum momento onde as filmagens estão sendo feitas.

Como aborda Neves (2011), “a geografia é uma área do conhecimento científico que potencialmente pode fazer uso de outras linguagens que não se restringem ao universo da palavra, ou seja, é um saber também herdeiro do universo das linguagens pautadas em imagens, como o estudo das paisagens o comprova”. Este trabalho propõe relacionar os estudos filmicos com a ciência geográfica. Busca, portanto, estudar a construção e representação do espaço geográfico português retratado no filme, relacionando a obra de Príncipe com conceitos da geografia: espaço, lugar, paisagem e território. Para isto, é importante conceituar também a paisagem e o espaço filmico dentro do cinema. Como explica Azevedo (2007), “a experiência filmica é um lugar vivenciado e através dela podemos compreender a organização das categorias da experiência convocadas na prática da paisagem”.

O espaço filmico, segundo Gámir e Valdés (2007), está ligado à direção e abordagem artística de um determinado autor, sendo essencialmente visual e potencialmente ilimitado em suas dimensões, “obrigando” o espectador a focar sua atenção em um campo de visão muito mais reduzido e fisicamente limitado do que o raio da ação visual humana. Essa capacidade de estreitar o campo visual ajuda a reforçar a intensidade e proeminência das imagens, ao mesmo tempo que ajuda a organizá-las. Portanto, o espaço filmico seria o espaço delimitado pelo realizador para que a ação do filme ocorra.

A representação das paisagens é um mecanismo recorrente utilizado pelos realizadores para colocar o espectador dentro das imagens, de acordo com a sua intenção. Como explicam Rosário e Villarme Álvarez (2017), “no cinema, a paisagem surge quando a ação perde primazia narrativa, quando o cenário é apresentado através de mecanismos que potenciam a sua representação enquanto espetáculo, tendencialmente quando o realizador permite ou obriga à contemplação da imagem”. No caso de *Campo de Flamingos sem Flamingos*, a beleza e imersão quase plástica nos planos que propõe André Príncipe, aliadas o fato de não situar geograficamente nenhuma das paisagens representadas, são uma poderosa ferramenta para a construção destas sensações que o filme desperta. Além disso, a duração dos planos tem grande importância no êxito deste mecanismo. Como explica De Luca

(2017), os “planos longos” primeiro estão ligados à estética, conteúdo visual minimalista, silêncio, quietude. Também leva em consideração outras estratégias, a fim de enfatizar a duração como um elemento constitutivo da experiência do filme e em relação à forma como o tempo é modulado dentro do filme como ritmo. Portanto, a duração dos planos, a inexistência de personagens recorrentes, a não localização das paisagens das fronteiras portuguesas, e a aparente quietude e minimalismo tanto nas imagens quanto na narrativa, são estratégias utilizadas na obra. Para compreendê-la e relacioná-la, é importante compreender as categorias espaciais dentro da geografia.

As categorias espaciais são a base para o estudo do espaço dentro da ciência geográfica, que servirão de base para a análise comparativa da obra. Para compreender espaço, é de grande importância compreendê-lo como um composto que contempla simultaneamente a forma e o conteúdo, sendo a forma relacionada ao material; e o conteúdo relacionado ao social. Como explica Gomes (2002, 172 *apud* Cabral 2007, 144), três características definem o espaço geográfico: 1) é sempre uma extensão fisicamente constituída, concreta, material, substantiva; 2) compõe-se pela dialética entre a disposição das coisas e as ações ou práticas sociais; 3) a disposição das coisas materiais tem uma lógica ou coerência. Portanto, fica claro que o espaço geográfico é o espaço onde ocorrem as interações entre as ações antrópicas e a natureza.

O conceito de lugar, por sua vez, está diretamente ligado à geografia humana. Este conceito foca o espaço nas intenções, ações e experiências humanas. Para Tuan (1983 *apud* Cabral 2007, 148), espaço e lugar são termos familiares e complementares: o que começa como espaço indiferenciado acaba assumindo a configuração de lugar, ao conhecermos e o dotarmos de valor. Lugar, portanto, parte da experiência do observador, do que o indivíduo carrega dentro de si. É o espaço significado e internalizado pelo ser humano, com todos os valores que o indivíduo carrega.

A representação da paisagem nas artes é algo presente na história do ser humano, desde tempos antigos. Segundo Maximiano (2004), “As expressões desta memória e da observação podem ser encontradas nas artes e nas ciências das diversas culturas, que retratavam inicialmente elementos particulares como animais selvagens, um conjunto de montanhas ou um rio. As pinturas rupestres são uma referência para esta percepção direcionada a alguns componentes do ambiente”. Talvez o conceito geográfico mais importante para esta análise, a paisagem, na geografia, é um campo visual definido, uma cena, sendo relacionada ao aspecto visual. Como explica Cosgrove (1998, 98-99 *apud* Cabral 2007, 150), “a paisagem, de fato, é uma ‘maneira’

de ver, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em uma unidade visual”. São formas visíveis sobre a superfície do planeta, podendo ser categorizadas em paisagem natural e cultural. A paisagem natural seria a cena, o recorte do planeta, onde não temos elementos visíveis de influência antrópica, somente a paisagem natural. Seriam as florestas, rios, lagos, montanhas, fauna, flora, céu, nuvens, mar, praia, desertos, vales, geleiras, etc. A paisagem cultural seria a cena visível onde encontramos elementos culturais claramente definidos. Ou seja, espaços que sofreram a alteração a partir da ação antrópica. Seriam, portanto, cidades e quaisquer elementos nela incluídos, casas, carros, indústrias, estradas, barcos, navios, postes de luz, faróis, aviões, etc. Também passa por espaços naturais alterados, como florestas queimadas, plantações, barragens, etc. Além disso, qualquer “mancha” antrópica em uma paisagem natural, a torna uma paisagem cultural.

Já o conceito de território se relaciona com poder, com fronteiras. Como explica Cabral (2007), “o território surge como determinada porção da superfície terrestre que é apropriada e ocupada por um grupo humano, como um espaço concreto em si (com seus atributos naturais e sociais)”. É então o espaço terrestre ocupado por relações de poder estabelecidas pelo ser humano, estando relacionado a um viés político. Este conceito é de grande importância para esta análise, já que o filme trata de questões como as fronteiras, que estão diretamente relacionadas com a questão das nações e das identidades culturais. O espaço é um elemento decisivo às relações de poder e territorialidade como estratégia utilizada para delimitar e afirmar o controle sobre uma área geográfica, ou seja, para estabelecer, manter e reforçar esse poder (Raffestin 1993 *apud* Cabral, 2007; Gomes 2002 *apud* Cabral, 2007).

Portanto, fica claro que os conceitos geográficos espaço, lugar, paisagem e território são retratados, construídos e debatidos na obra de André Príncipe, sendo possível relacioná-los com conceitos do cinema, assim como as intenções e estratégias utilizadas pelo realizador. Dito isto, será realizada uma análise acerca da construção filmica das paisagens, e como elas se relacionam com os conceitos apresentados, a partir de uma metodologia de classificação de paisagem.

Metodologia

A análise da representação e construção das paisagens das fronteiras portuguesas retratadas no filme *Campo de Flamingos sem Flamingos* têm como base a metodologia proposta e apresentada por Iván Villarrea Álvarez. Esta metodologia

segue quatro passos, que são: 1) identificar o território geográfico que vai ser analisado; 2) escolher um elemento iconográfico significativo desse território; 3) procurar exemplos da representação desse elemento iconográfico nas imagens filmadas nesse território, no passado ou no presente; 4) analisar a representação desse elemento iconográfico nos seus casos de estudo, estabelecendo ligações formais e conceptuais entre eles.

No passo 1 desta metodologia, “Identificar o território geográfico que vai ser analisado”, os parâmetros estabelecidos são as próprias paisagens de Portugal. No passo 2, “Escolher um elemento iconográfico significativo desse território”, o elemento escolhido foi a paisagem. A partir disso, apliquei uma classificação a partir do conceito apresentado anteriormente de paisagem cultural e paisagem natural. As paisagens culturais são as paisagens retratadas no filme que possuem interferência da ação antrópica. E as paisagens naturais são as paisagens que não apresentam interferência humana na sua representação. Realizei, então, o seguinte levantamento a partir da paisagem representada em cada plano do filme:

Paisagens culturais

- Televisão
- Sala de casa
- Trabalhadores num caminhão
- Carros numa estrada
- Caçadores nas montanhas
- Fogueira com um trator trazendo dejetos
- Caçadoras esperando nas montanhas
- Um escritório numa casa
- Depoimento João Pedro Sousa
- Caderno
- Quintal de uma casa
- Caçadores em uma casa abandonada
- Pessoas num lago
- Pessoas e um carro de bombeiros
- Pessoa num barco
- Pessoas fazendo piquenique
- Puma enjaulado

- Camelo num circo
- Motorhome
- Interior de um circo
- Corrida de autorama
- Corrida de motos
- Corrida de kart
- Corrida de carros
- Pessoa com um cachorro
- Plantação de pinheiros com os caçadores
- Caçadores num barco
- Kart numa estrada levantando poeira
- Vários caçadores na caçamba de um caminhão
- Paisagem natural montanhosa, com uma casa
- Encontro dos caçadores
- Interior de uma casa
- Pessoa juntando mariscos
- Cavalo junto à cidade e um lago
- Ponte
- Entardecer em uma cidade
- Ondas batendo em um cais e em um farol
- Estrada com um carro que se aproxima
- Pessoa de frente para o mar no entardecer
- Interior da casa com terrários
- Imagem de João Pedro
- Estátuas e totens
- Queimada no campo
- Caminhão a noite
- Queimada com um lago ao centro e uma cidade ao fundo
- Outro encontro dos caçadores com um alce abatido
- Estrada à noite
- Bar com uma televisão passando um jogo de futebol
- Paisagens da cidade noturna sem movimento, apenas com as luzes dos postes acesas
- Fábrica

- Festa com música eletrônica
- O circo e a cidade
- Camelo preso no cercado
- Lhama presa num cercado
- Circo funcionando
- Bar com mesas de bilhar
- Rua com uma pessoa mexendo num tripé
- Pessoas andando de bicicleta
- Pessoa no metrô tocando gaita
- Pessoa andando com uma lanterna
- Novo depoimento de João Pedro
- Fotos fixas da viagem de João Pedro
- João andando pela floresta à noite
- Cachorros atrás de um portão
- Performance de João com uma roupa branca no escuro na floresta
- Pessoa dirigindo um carro
- Uma casa e um jantar com pessoas conversando
- Carro sendo lavado
- Duas pessoas num lago seco com um tripé, tirando fotos fixas com pássaros

ao fundo

- Técnico de som
- Realizador/Fotógrafo
- Caminho e pegadas na lama

Paisagens naturais

- Floresta
- Lago
- Montanha
- Rios, contraposição com uma manada de javalis (enquanto uma galinha cacareja)
- Cervos
- Coelhos
- Bosques
- Formigas num tronco
- Cavalos num campo

- Colina
- Abelhas num cacto
- Paisagem aberta e animais indefinidos correndo
- Campo de flamingos na água
- Descampado com rochas (sons de sinos ao fundo)
- Campo com emas
- Revoada de pássaros
- Ondas batendo em pedras
- Horizonte do mar ao entardecer
- Campo das emas à noite
- Paisagem noturna bem escura de uma floresta
- Animal onde só se vê os olhos na noite
- Pássaros no céu

O passo 3 da metodologia, “Procurar exemplos da representação desse elemento iconográfico nas imagens filmadas nesse território, no passado ou no presente”, não considerei aplicável, visto que a aplicação da metodologia levou em conta apenas uma obra. E o passo 4, “Analisar a representação desse elemento iconográfico nos seus casos de estudo, estabelecendo ligações formais e conceptuais entre eles”, é a análise em si. A partir da classificação realizada, é possível perceber que o filme possui 22 representações de paisagens naturais, ao passo que possui 72 representações de paisagens culturais. Com este resultado, pode-se debater que talvez uma das questões levantadas pelo realizador seja justamente que esta construção da identidade e da memória portuguesa passa por estes símbolos culturais. Apesar de existirem ainda muitas áreas de preservação ambiental, o que se percebe é cada vez mais as ações antrópicas invadindo as áreas naturais, o que fica claro nas representações das paisagens apresentadas.

Considerações Finais

A obra de André Príncipe levanta questões existenciais e também materiais. Reflete sobre as fronteiras portuguesas, e também sobre a memória e a identidade nacional. Provoca reflexões a respeito da ecologia, através da contraposição de planos onde há a presença de ações claramente antrópicas (por exemplo pessoas caçando, barcos, poluição visual e sonora), com planos de extrema calma e contemplação da

natureza (revoada de pássaros, ondas batendo em pedras, cervos andando no bosque). O próprio nome do filme traz uma reflexão ecológica, já que *Campo de Flamingos sem Flamingos* é uma aparente contradição, onde existe um campo de flamingos, sem a presença de flamingos. Mais do que isso, a obra provoca uma desconstrução de formas convencionais de narrativa fílmica. No filme, não temos personagens recorrentes, nem um eixo central. A construção dos significados se dá a partir do espectador, do espaço que fica para a interpretação.

Esta proposta busca relacionar discussões da geografia e dos estudos fílmicos, debatendo conceitos como: paisagem, espaço, lugar, território, fronteira, ecologia, memória e identidade nacional. Apresenta ainda uma proposta metodológica de levantamento e classificação de paisagens de um filme, utilizando como objeto de estudo a obra de André Príncipe.

BIBLIOGRAFIA

- Azevedo, A. F. 2006. *Geografia e cinema: representações culturais de espaço lugar e paisagem na cinematografia portuguesa*. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6715> Acesso em 14 de novembro de 2018.
- Cabral, L. O. 2007. *Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/viewFile/15626/14158> Acesso em 17 de novembro de 2018.
- de Luca, T. 2017. *Uma curta história sobre o cinema longo*. Aniki. Revista Portuguesa da Imagem em Movimento 4 (2), 335-352.
- Maximiano, Liz Abad. 2004. *Considerations about landscape concept*. Revista RA'EGA, Curitiba, 8, 83-91. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3391/2719>
- Neves, A. A. e Ferraz, C. 2011. *A paisagem geográfica no cinema*. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/12316/7111> Acesso em 14 de janeiro de 2019
- Rosário, F. e Villarme Álvarez, I. 2017. *A paisagem no cinema: imagens para pensar o tempo através do espaço*. Aniki. Revista Portuguesa da Imagem em Movimento 4 (1), 55-63.
- Valdés, C. M. e Gámir, A. *Cine y Geografía: espacio geográfico, paisaje y territorio en las producciones cinematográficas*. Disponível em: https://e-archivo.uc3m.es/bitstream/handle/10016/828/Gamir_Manuel_Cine_Geografia_mayo_07.pdf. Acesso em 14 de novembro de 2018.